

Mala Direta  
Básica

911020870001-63 – SE/RS  
APTAFURG



# SINDICATO NALUTA

AGOSTO DE 2023 - ANO XIX



ELEIÇÕES NA APTAFURG

**COLETIVOS  
RESISTIR AO FASCISMO  
E UNIR COMPÕEM A  
NOVA COORDENAÇÃO  
DA APTAFURG**

## COLUNA DE GÊNERO

# VISIBILIDADE LÉSBICA: DESCONSTRUÇÃO DOS PARADIGMAS GÊNERO-SEXUAIS IDENTITÁRIOS NA CONQUISTA DE DIREITOS

**Carla Rocha** - Auxiliar de enfermagem no Hospital Universitário da Furg. Enfermeira, Mestranda pela PPGENF - Graduanda em Pedagogia para graduados não licenciados - IFSUL e coordenadora da APTAFURG.

**Renato Zacarias Silva** - Biólogo, Doutor em Oceanografia Biológica, Técnico Administrativo em Educação - Zoologia



Imagem: Freepik.com

Comemora-se no dia 29 de agosto, o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. Esta data compreende um marco histórico de luta democrática pela garantia dos direitos sociais desta importante parcela da sociedade, de modo a transcender a comunidade lésbica, se refletir e se estender a outras esferas da sociedade. Considerando que resistimos a tempos sombrios de extremo conservadorismo e arbitrariedades, onde vivenciamos um golpe político e jurídico no país que criou um estado de emergência, tornando-se necessário a reestruturação da democracia e ações contra todo tipo de intolerância, inclusive a lesbofobia.

Visto que, atualmente, vivemos uma época de reprodução social de sexismo, machismo, misoginia, LGBTQIA+fobia e de narrativas discriminatórias e segregacionistas. Assim, palavras e ações atacam violentamente o ser Humano dentro das suas especificidades, sem a menor hesitação, ferindo a dignidade humana que é um dos preceitos fundamentais da nossa *Lex Mater* – A nossa Constituição Federal ou Constituição Solidária.

Considerando que a identidade de gênero é imprescindível para a dignidade e humanidade de cada indivíduo, a mesma não deve ser base para discriminação ou violências. No entanto, as violações dos direitos humanos em que a orientação sexual e a identidade de gênero afetam as pessoas, sejam elas declaradas ou veladas, continuam a ser uma realidade avassaladora.

A obscuridade e a obstusidade de pensamento deposita enorme peso da discriminação, por exemplo, laboral, funcional e civil sobre a população lésbica. Este peso discrimi-

natório está atrelado também aos aspectos de sexualidade e identidade, ou seja, se a mulher lésbica é mais heteronormativa ou menos heteronormativa. É notório que aquelas menos heteronormativas (mais masculinizadas e menos cisgênero) tendem a ser mais discriminadas nos diversos setores sociais laborais e familiares. Além dos aspectos de heteronormatividade e cisgeneridade há o histórico de vida de ter nascido mulher e nossa sociedade patriarcal, masculinista, machista, misógina e androcentrada aponta as mulheres *per se e lato sensu*, como algo de menor valor.

Para a mulher, ser lésbica é uma mácula adicional, é a letra escarlate que brilha no seu peito para ser pária na sociedade ou o triângulo invertido que indicava os homossexuais que seriam utilizados nos horrendos experimentos genocidas nazistas. Dentro destes e outros prismas maculantes as piadas e comentários machistas e misóginos se fazem quase sempre presentes, abordando o *sanctus phallus* (entenda: estupro corretivo) e a suposta capacidade convertiva que o macho-humano tem de “curar” a lesbianidade com o seu “divino” pênis. Quem nunca escutou comentários como: “Ela é assim porque nunca encontrou um homem de verdade”... “Que desperdício de mulher, tão bonita, mas machorra”... “Falta para ela é algo duro entre as pernas”... É grosseiro escrever isto? Pode até ser, mas é a realidade das falas mutiladoras, ou melhor, estupradoras com as quais mulheres lésbicas se deparam ao longo da vida, dentro e fora de casa.

Toda esta situação de obscuridade mostra que precisamos dar voz a essa luta e continuar

a contribuir para a construção de um pensamento crítico e reflexivo sobre estas questões. Não podemos esquecer que somos seres em profunda evolução pessoal e intelectual. Devemos reconhecer que, independente de gênero-sexualidade-identidade, somos seres racistas, machistas e multi-espectrofóbios em desconstrução (ou ao menos deveríamos estar em desconstrução constante). A violência surge em várias narrativas como antagonista ao direito de viver uma sexualidade fora da heteronormatividade e cisgeneridade.

Sabendo-se que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e os mesmos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados, faz-se necessário entender a visibilidade lésbica como uma ferramenta de construção sócio-política e não apenas como a simples liberdade da expressão da identidade ou orientação sexual. Esta é uma das formas de erradicar as instituições heteronormativas e a heterossexualidade coercitiva. Não esquecendo Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (*Le Deuxième Sexe*, 1949): Não nascemos mulheres: nos tornamos uma (*on ne nait pas femme: on le devient*) porque ser mulher não é ser simplesmente uma fêmea, ser mulher é muito mais do que o genital nos diz e a castração social permite. Ser lésbica não desfaz o Ser-Mulher como filha, como mãe, como avó, como pensadora, como trabalhadora, como cidadã, dentre outras coisas. Que todas possam e devam ser as mesclas de Mulher (com “M” maiúsculo mesmo!) que quiserem em um mundo que também lhes pertence e ao qual pertencem.

## EDITORIAL

# NOVA COORDENAÇÃO E OS DESAFIOS DA CATEGORIA

**N**o dia primeiro de agosto foi empossada a nova coordenação da APTAFURG que de acordo com a previsão estatutária de proporcionalidade, instrumento que garante a mais ampla representatividade, esta composta com membros das duas chapas que disputaram o pleito, para o mandato que vai até 2025, período em que se apresentam grandes desafios.

Dentro de um contexto político nacional em que temos a possibilidade de avanços nas questões sociais, culturais e econômicas, diferentemente dos últimos anos, os avanços em nossa carreira estão no horizonte, e para tanto haverá a necessidade de muita luta, pois já recebemos o recado de que nada nos será dado e que para alcançar alguma coisa teremos que conquistar, sendo assim, a grande tarefa imposta é a mobilização dos técnicos administrativos em educação para que juntos façamos nossas lutas para, minimamente, recuperar tudo aquilo que perdemos ao longo dos anos.

Nossa mobilização tem por objetivo a recuperação do poder de compra dos nossos salários e reajustes dos benefícios tais como auxílio pré-escolar, saúde e alimentação, lembrando que tais conquistas devem ser construídas nos próximos dois anos, visto que com as novas regras do regime fiscal sustentável (arcabouço fiscal) que veio substituir o teto de gasto, os investimentos com a força de trabalho do poder executivo será seriamente afetado pois há dispositivos proibindo tais investimentos caso as metas fiscais não sejam atingidas e como a política de juros aplicadas pelo banco central não está alinhada com o executivo, dificultando o cumprimento das metas fiscais.

Cabe lembrar que já estamos em meio a negociação como o governo federal através da FASUBRA, já tivemos um dia de paralisação em agosto e novas paralisações poderão ser necessárias, e quem sabe até um movimento de greve, tudo isso para pressionar o governo mostrando nossa força, não necessariamente para o executivo, mas princi-

palmente para o legislativo que esta composto com muitas forças de direita que defendem o estado mínimo, e que já entregaram algumas estatais estratégicas para iniciativa privada tais como a CEEE e a CORSAN aqui no Rio Grande do Sul.

Já tivemos um avanço importante neste ano como o reajuste de 9% em nossos vencimentos e um incremento em R\$ 200,00 no auxílio alimentação, mas não podemos parar por aí, nossas perdas salariais ao longo desses 6 anos ultrapassam os 30%, e temos que minimamente recompor nosso salário e principalmente quanto aos benefícios há a necessidade de equiparação aos benefícios dos poderes legislativo e judiciário, nossa fonte de financiamento é a mesma e não há explicação para recebermos menos que eles.

Temos também um processo negocial da reestruturação da carreira que passa pelo aumento dos níveis de progressão por capacitação que atualmente são quatro níveis e por mérito que são 16 níveis, e que fazem que cheguemos ao final da carreira com 24 anos de trabalho, esses são apenas dois exemplos da complexidade dessa negociação, muitos outros assuntos estão sendo discutidos, temos nossa representação no grupo de trabalho nacional e chegamos a fase de discussão na base.

No âmbito local, estamos acompanhando de perto a situação do nosso plano de saúde que vence em setembro e até o momento a FURG ainda não fez a licitação para contratação de um novo prestador para estes serviços e também estamos na busca da implementação de uma política efetiva de capacitação para os TAEs, que possam incluir graduação e pós-graduação.

Enfim a luta está batendo a nossa porta e o sindicato é o teu representante, precisas dar força a esta representação, participe das assembleias, fique por dentro dos assuntos da carreira, venha para o sindicato, afinal de contas nós somos a APTAFURG.

# CONHEÇA A NOVA COORDENAÇÃO DA APTAFURG



**Alberto Carlos de Souza Campos**  
Coordenação Administrativa e Financeira



**Alessandro Morales Ebersol**  
Suplente



**Berenice Costa Barcellos**  
Coordenação de Formação Política e Sindical  
Coordenadora Geral



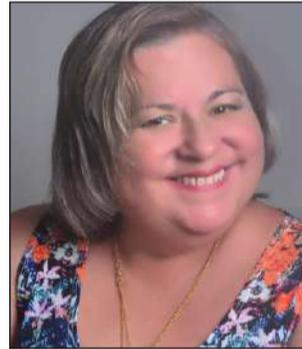
**Carla Marina Faria da Rocha**  
Coordenação Jurídica e Patrimonial



**Carlos Eduardo Pereira de Quadros**  
Suplente



**Carolina Pontes Leonetti**  
Coordenação Divulgação e Imprensa



**Denise Giesta Pinho**  
Suplente



**Dionice Dias Ferreira**  
Coordenação Jurídica e Patrimonial



**Everton Luis de Almeida Porciuncula**  
Coordenação de Divulgação e Imprensa  
Coordenador Geral



**Gino Feijó Pohlmann**  
Coordenação de Formação Política e Sindical



**Jean Guilherme Florentino Corrales**  
Coordenação de Divulgação e Imprensa



**Neide da Silva Cunha**  
Coordenação Esportes, Cultura e Lazer



**Neiza Maria dos Santos Avila**  
Coordenação de Formação Política



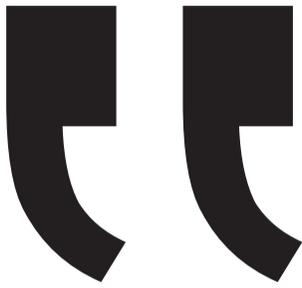
**Patrick Matos Freitas**  
Coordenação Administrativa e Financeira



**Rafael Missiunas**  
Coordenação Administrativo e Financeiro  
Coordenador Geral



**Renato Zacarias Silva**  
Coordenação de Cultura, Esporte e Lazer



*Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180  
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo se você se aventurar*

*Eu solto o cachorro e, apontando pra você  
Eu grito: Péguis-ss-ss-ss  
Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
Maria da Vila Matilde (música de Elza Soares)*

Sabe aquela história de que as mulheres são “fortes”? E a outra que vai dizer que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”? E ainda a expressão: “aquela depois que estudou tá muito metida!”

Ainda escutamos essas expressões, e elas nos rasgam entre as opressões de classe, gênero, raça e gerações. São também frutos de visualizações sexistas, misóginas e racistas de uma sociedade que não consegue lidar com as decisões das mulheres, com direitos sobre nossos corpos e mentes, e com nossa humanidade como um conceito universal.

Em abril de 2023 tivemos a notícia de que as denúncias de violência contra a mulher, através do Disque 180, podem também ser feitas pelo WhatsApp, anunciada pela Ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, e pelo Ministro dos Direitos Humanos. Ação essa que desvincula o que foi feito em anos anteriores, onde o Disque 180 foi unificado com o Disque 100, dos Direitos Humanos.

*Isso tem diferença? Tem sim!*

Implementar um canal que esteja diretamente vinculado à rede de proteção para as mulheres, e entre as mulheres, é uma forma de sermos acolhidas. De possuímos confiança sobre nossas falas, nossas denúncias, assim como a obrigação do próprio Estado Brasileiro em nos acolher. Afinal, podemos decidir sim se queremos ficar ou não numa relação, e procurar meios de acolhimento para nossas dores e buscar curar essas feridas.

Entre 16 e 17 de agosto desse ano, a Marcha das Margaridas, que não se reunia desde 2019, completou sua 7ª. Edição e conduziu centenas de mulheres do País até Brasília, trazendo como pauta as políticas das mulheres do campo, da floresta, das águas e das cidades. A Marcha tem como força inspiradora a luta de Margarida Maria Alves, uma mulher trabalhadora rural nordestina e líder sindical, que ocupou, por 12 anos, a Presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba. Na sua luta por direito à terra, pela reforma agrária, por educação, por igualdade e por defender direitos trabalhistas e vida digna para trabalhadoras e trabalhadores rurais, Margarida Alves foi cruelmente assassinada na porta da sua casa, no dia 12 de agosto de 1983.

Reunir centenas de mulheres em Brasília que ecoam vozes que são as sementes de Margarida, num momento em que agitamos nossa bandeira de liberdade, assim como o retorno à discussão sobre o que é verdadeira-

mente um Estado Democrático. Visualizamos pela primeira vez um ministério da Cultura, com uma artista negra à frente dessa pasta, e com a primeira mulher indígena como Ministra, e isso também é lembrar que não estamos sozinhas frente às opressões. Conquistamos espaços de poder, mesmo que ainda muito incipientes, porque muitas Margaridas reivindicaram seus direitos à terra, à vida, ao trabalho e ao amor.

O momento escolhido para a realização da Marcha das Margaridas não é coincidência. Agosto é o mês simbólico na luta das mulheres por seus direitos, e mais especificamente, no combate à violência doméstica. Varas de família e Juizados Especiais de todo o país se unem na realização da 24ª Semana da Justiça pela Paz em Casa, uma ação promovida pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que objetiva agilizar o andamento dos processos relacionados à violência contra a mulher.

A referida ação se mostra extremamente necessária quando se observa que, somente no primeiro semestre de 2023, na cidade de Rio Grande foram concedidas 2538 Medidas Protetivas de Urgência, as quais tem por objetivo manter o agressor afastado da vítima. Para além das Medidas Protetivas, em nosso município existem diversas outras ações e projetos que buscam reduzir a prática da violência contra mulher como a Casa de Acolhida, o “Borboleta Lilás”, “Bem me quero bem”, “Grupos Reflexivos de Gênero” e o “Projeto Fênix”.

Dentre eles, merecem destaque a Casa de Acolhida, os Grupos Reflexivos de Gênero e o Projeto Fênix, os quais atuam diretamente com vítimas e agressores. A Casa de Acolhida é um local sigiloso que recebe vítimas que não possuem outro local seguro para ficar e que estão sob grave ameaça, algumas das quais escaparam de situações de violência somente com a roupa do corpo e o filho nos braços.

Os Grupos Reflexivos de Gênero são uma determinação da Lei Maria da Penha e acontecem por meio de reuniões semanais que conduzem os agressores a pensar e repensar, não somente sobre suas atitudes, mas sobre si mesmos e o machismo enraizado em nossa sociedade, com o objetivo de reduzir a reincidência de casos.

O Grupo Fênix – uma parceria entre o Poder Judiciário, a Universidade Federal do Rio Grande e a rede municipal de atendimento – trabalha diretamente com as vítimas de violência que possuem medida protetiva. As

**Camila Souto** – Advogada – Mestre em Direito e Justiça Social (Furg) – Facilitadora no Projeto Fênix

**Cassiane de Freitas Paixão** – Socióloga – Professora Associada Área de Sociologia Furg – Doutora em Educação

mulheres são inseridas em um contexto de conexão umas com as outras e recebem também a orientação e apoio de facilitadores voluntários para a obtenção de informações acerca de seus direitos e a forma de acesso à rede municipal de atendimento e acolhimento.

Neste sentido, cumpre também salientar que Rio Grande terá um centro integrado de assistência social e saúde para mulheres, idosos, crianças e adolescentes, o qual conjugará diversos setores em um mesmo endereço facilitando o acesso da população e garantindo uma resposta mais rápida por meio da integração dos serviços. Aqui ganha destaque a criação do CRAM – Centro de Referência em Atenção à Mulher, que pretende reduzir a peregrinação das vítimas de violência pelos vários serviços espalhados pela cidade, uma situação que dificulta o atendimento e o fluxo de informações, obrigando a vítima a reviver a situação de violência diversas vezes contata, levando à desistência na busca por seus direitos.

Os planos são para que o CRAM atue na recepção de denúncias, acolhimento social, além de fornecer acompanhamento pela rede a partir de capacitação profissional, emocional e outras formas de colaboração para que a vítima alcance sua independência e autonomia.

Embora o município conte com tantos projetos e belíssimas iniciativas, infelizmente sabe-se que o número de MPU’s não reflete necessariamente o número de mulheres que sofrem violência doméstica, visto que nem todas as vítimas solicitam medidas protetivas, e outras sequer realizam o registro da ocorrência criminal (BO). Consequentemente, ainda é grande o número de vítimas que não passam pelo sistema – seja de atendimento jurídico, seja de acolhimento – e seguem sofrendo caladas diversos tipos de violência com sérias consequências físicas e psicológicas.

Todos os dias Marias, Margaridas, mulheres brancas, pretas, indígenas, pobres ou ricas necessitam de apoio jurídico e institucional especializado. Tal situação demonstra que, apesar dos louváveis esforços, não se pode concentrar a busca pela atenção e conscientização social acerca da violência contra a mulher somente ao “agosto lilás”, somente às marchas e passeatas, somente aos órgãos judiciários e municipais. A violência ocorre na casa ao lado e todos nós precisamos “meter a colher”.

# ENTRE MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS, UMA UNIVERSIDADE

Débora Medeiros do Amaral

Técnica Administrativa em Educação  
Pedagoga

*Rio Grande do Sul, agosto de 2023.*

*Prezadas leitoras e leitores,*

*Escrevo esta carta, assim, em primeira pessoa, com o mesmo propósito em que escrevíamos antes de usarmos telefone, torpedos, mensagem de áudio, vídeo chamada, que é estar em encontro com o outro, ainda que a distância física não nos permita outra forma de presença. Pensei em iniciar esta carta escrevendo Rio Grande, mas fui invadida pelo sentimento que me habita e educa de que somos uma Universidade Multicampi. Então, uso nosso Estado para demarcar uma presença geográfica, no desejo de que estas palavras alcancem os servidores de Santo Antônio da Patrulha, São Lourenço do Sul e Santa Vitória do Palmar.*

*Escrever uma carta exige entrega, um desnudar-se frente ao outro que nos lê. Esta em especial é mais desafiadora ainda, por ser uma carta pública. Expor sentimentos, pensamentos, desejos, histórias é sempre um desafio. E, em movimentos de palavras escritas, mais ainda. É um registro da vida, do ato, da ação, do existir. Mas um convite feito é um convite aceito.*

*Confesso que maturei o tempo até chegar a esta escrita, afinal, o que escrever? Era o que eu pensava! Muitas ideias passaram por essa mente inquieta e pensante: os atos de violências contra as escolas, nossas responsabilidades enquanto servidores públicos, nosso compromisso social, nosso olhar atento e respeitoso no atendimento às nossas comunidades, mas, senti a necessidade de conversar sobre a importância da Universidade em nossas vidas cotidianas.*

*Sou filha de um mecânico e de uma costureira, meus pais não tiveram acesso ao ensino, não concluíram o ensino médio, anteriormente chamado 2º Grau. Nesta pequena família de 4 pessoas (eu, meus pais e minha irmã), o sonho e projeção de futuro era garantir o acesso ao estudo. Foram muitas as vezes que escutei nas conversas com meus pais que o estudo era o que eles podiam me deixar, quem de nós nunca ouviu essa conversa?*

*Porém, hoje entendo que todo esforço dos meus pais só obteve êxito pela presença de Universidade Pública, Gratuita e Federal no meu município. Uma política pública presente no território, capaz de transformar histórias de vida, contextos e pessoas. A Universidade, ainda que distante das minhas práticas educativas anteriores e do meu contexto familiar, me chegou como uma possibilidade de estudo e de profissão, e hoje ousei dizer, de vida!*

*Em agosto, a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, celebra seus 54 anos! Entre o tempo de estudante e profissional estou vivendo e construindo essa história há 24 anos. E, por isso escrevo esta carta, para exercer a memória enquanto compromisso social, a memória que me visita e me faz lembrar e voltar a compreender esses tempos/espacos/movimentos vividos.*

*Ao revirar esse baú de memórias, encontro alguns sentimentos: o sonho, a alegria e a satisfação de ser estudante do Curso de Pedagogia Educação em 1999. Não tínhamos nessa época os sites, os e-mails, a notícia chegava na gente por meio da rádio local, em que eram lidos nome a nome, curso a curso. Ouvir Débora Medeiros do Amaral na rádio, sentada no chão da sala, e ver no olhar dos pais, nos abraços recebidos, a realização de um sonho me fez ser tomada por uma explosão de alegria. Uma festa que celebrava não somente o acesso, mas tudo que este acesso representava: um futuro, uma profissão, meu crescimento pessoal, minha inserção/preparação para o mundo do trabalho.*

*Mas, porque escrever sobre isso, neste contexto e neste espaço de leitura? Por quê não podemos banalizar o que este espaço educativo significa e representa nas nossas vidas cotidianas. A FURG é nossa, ela é do território, ela é uma possibilidade de transformação social, ambiental e humana. Reconhecer a importância deste espaço e de seu fazer é um compromisso de todas as pessoas: as que são diretamente afetadas por ela, seja na provisão orçamentária de suas vidas e famílias (os trabalhadores), seja na garantia de uma formação-convite a leituras de mundo (e as denúncias necessárias para sua sobrevivência) e a produção de conhecimentos; e as que são indiretamente por ela afetada, os usuários de atendimento em saúde, nossas crianças alfabetizadas pelas professoras egressas desta universidade, nossas construções acompanhadas e validadas por nossos engenheiros, e tantas, tantas outras formas como a Universidade habita a vida cotidiana das pessoas.*

*Meu compromisso com esta carta é te fazer pensar sobre o lugar desta Universidade na tua vida, no teu espaço, na tua memória e nos teus sonhos. Escrevo com o desejo e a luta de que nossas ações diárias possam validar e reconhecer esta instituição como um espaço de transformação e garantia de direitos. A Universidade é minha, é tua, é nossa! Por ela brigamos, lutamos, defendemos, e ousamos sonhar. Que assim como os meus pais sonharam, a gente possa sonhar cada dia mais e mais com uma Universidade habitada pela juventude, pela diferença, pelas comunidades economicamente desfavorecidas, por mulheres, por trabalhadores, por sonhos, resistências e lutas!*

*Viva a vida, viva as ciências, viva o conhecimento, viva a FURG!*

*Com carinho e afeto.*

# OS CAMINHOS DO COLETIVO RIOGRANDEQUERVERDE

*Se por amor às florestas, um homem caminha por elas metade do dia, corre o risco de ser considerado vagabundo. Mas se usa seu tempo para especular ceifando a mata e tornando a terra careca antes do que deveria, ele é visto como cidadão industrial e empreendedor (THOREAU, Henry, 1986, p.65)*

Um grupo de moradores/as do balneário Cassino e arredores, desolados com a devastação que estava ocorrendo na área que antecede o conhecido Camping Municipal, fez um chamado à comunidade, em diferentes redes sociais, a fim de pensar e construir estratégias para impedir a continuidade do corte das árvores do bosque na entrada do balneário Cassino. Isto ocorreu a partir do alerta do CEA (Centro de Estudos Ambientais) em várias mídias.

Estas áreas verdes recentemente suprimidas para além das funções ecológicas desempenhadas: equilíbrio do microclima, proteção dos ventos, manutenção da biodiversidade, melhoria da qualidade do solo etc., constituíam patrimônio paisagístico, ambiental, histórico e afetivo de parte significativa da população. De acordo com laudo técnico elaborado para o licenciamento, existiam 577 árvores nativas como figueiras e corticeiras e 863 árvores não nativas, como eucaliptos plantados há quase um século.

Começamos a mobilização no dia 18 de abril de 2023, na pracinha em frente ao bosque que estava sendo destruído. Decidimos encaminhar ofícios ao Ministério Público, requerendo providências acerca de eventuais ilegalidades do processo e suas respectivas medidas compensatórias e mitigadoras. Na reunião seguinte, no domingo, dia 23 de abril, constituímos uma comissão para a elaboração de um Projeto de Lei (PL) de Iniciativa Popular para criação do Parque Urbano do Camping do Cassino-Bosque das Caturritas, assim como para redigir o abaixo-assinado físico e online.

Remetemos ofícios à SMMA (Secretaria Municipal do Meio Ambiente), ao COMDEMA (Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente), ao Executivo (Prefeito) e ao Legislativo (Câmara dos/as Vereadores/as) com o intuito de solicitar informações sobre o licencia-

mento e, ao mesmo tempo, interromper o corte das árvores até termos conhecimento dos procedimentos realizados. Ainda aguardamos algumas respostas e providências. Dia 30 de abril, finalizamos os abaixo-assinados e começamos a coleta de assinaturas.

A seguir, marcamos reunião com o SMMA para entregar o PL e participamos da reunião do COMDEMA a fim de requerer apoio à constituição do Parque. No entanto, até o momento não foi pautado pelo Conselho. Conseguimos realizar uma Audiência Pública, na Câmara dos/as Vereadores/as, objetivando tratar das áreas verdes, dos parques e da arborização da cidade do Rio Grande. Participamos da Conferência Municipal dos Direitos Humanos, defendendo o direito a um ambiente ecologicamente equilibrado.

Buscamos encontros e debates com a comunidade na Feira do Livro do Cassino, na Feira do/a Agricultor/a, no Junho Sustentável promovido pela FURG e SMMA, no ArtEstação, na Livraria Hippocampus... Nas conversas informais percebemos entusiasmo e apoio ao movimento. Estamos criando espaços de trocas de informações, de sensibilização às questões ambientais e construindo ações. Agora não somos apenas 50 pessoas, somos mais de 2000 que apoiam a proposta de parque urbano.

Colaboram com nosso projeto diversas ONGS (Organizações não Governamentais) e movimentos tais como: CEA, Laguna Sul, APEDeMA RS (Assembleia Permanente em Defesa de Entidades em Defesa do Meio Ambiente), FBAMOS (Fórum Brasileiro de ONGS e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), FDAM (Fórum em Defesa da Democracia Ambiental), GAMBÁ (Grupo Ambientalista da Bahia) e RMA (Rede ONGs da Mata Atlântica).

Nesta recente e intensa trajetória, contamos com a contribuição dos/as professores/as do curso de Gestão Ambiental da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) e os primeiros levantamentos e notas técnicas da área estão sendo realizados.

## Por que um Parque Urbano no Camping Municipal?

Chamamos de Camping Municipal a partir da memória afetiva da comunidade, quando turistas da região, de outros estados e até de países vizinhos acampavam e usufruíam do balneário Cassino, sobretudo no verão.

Neste local temos uma mancha verde, em um espaço público, precisamente o que sobrou do bosque suprimido que existia na área privada. Nossa intenção é proteger a fauna e a flora existentes no local. De acordo com o professor Rodrigo Cambará, na área do Camping “se desenvolve uma floresta nativa de paleodunas, com relevante biodiversidade”. Este comentário foi capturado no instagram do Coletivo RioGrandeQuerVerde.

Além da conservação, preservação e defesa, nós propomos aumentar a biodiversidade com o acolhimento de mudas de espécies nativas. Trilhas e demais práticas de lazer contemplativo, atividades de ensino, pesquisa voltados à Educação Ambiental também constituem objetivos da implantação do Parque.

Mais que a luta pelo Parque das Caturritas, o movimento talvez tenha conseguido pautar junto à comunidade as políticas ambientais municipais que não estão orientadas pelo Plano Ambiental da cidade do Rio Grande, o qual tivemos acesso pelo LABGERCO (Laboratório de Gerenciamento Costeiro) da FURG.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

THOREAU, H. **Desobedecendo**: a desobediência civil e outros escritos. Apresentação: Fernando Gabeira.; Tradução e introdução: José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Martin Claret, 1986

# PASSEIO NOTURNO



um conto de **Jaqueline Machado**  
em Zine Marítimas | vol.08: Monstera

Depois de três quadras, meti pela XV, desesperada. Por cima do ombro vi que o cara enfiou a mão no bolso, mas não tive coragem de verificar o que pegou. Segui chicoteada pelo pânico. O coração palpitava na goela. Péssima decisão, a rua mal iluminada transformando cada fachada em lugar de perigo. As reentrâncias de portas e janelas, cortinas de metal, tudo era um abatedouro em potencial. Apurei o passo. Ele ficou para trás? Se chegasse perto, largaria a mochila com notebook e cadernos. Meus documentos e carteira. Não me importaria de pagar esse preço para ter a chance de escapar. O celular pus na manga, porque com ele poderia ligar para a polícia. Retumbava pela

via vazia o andar preciso e cheio de fincadas nos revestimentos irregulares, colocando meu corpo todo em estado de urgência. Pisadas mais curtas e rápidas agora, ele tentava me acompanhar. Enrolei o casaco no corpo procurando alguma segurança, mas não tinha. Virei o rosto para trás, o cara havia baixado o capuz. Moça! A mão foi erguida na minha direção e a luz do celular dele banhou o rosto de baixo para cima. Um olhar masculino na noite trevosa e abandonada. Congelei. Falava comigo. Corre! Corre! Meus músculos flertavam com o estado de confusão da mente. Para onde ir? Onde? Tenho que chegar na esquina... Lá, a luz do poste indicava um lugar seguro, alguém passando de carro veria, caso fosse agarrada, caso enfiasse a mão na minha boca para calar meus pedidos de socorro enquanto me arrastasse de volta à

escuridão. Ele correu. Tive os pés derretidos diante da onda de químicas lançadas na corrente sanguínea. Perdi o tônus, não consegui fazer nada. Só tremer feito borrego que recém saiu do útero. Afrouxei a mochila dos ombros e ofertei o que quer que fosse ao perigo, virando o corpo todo para poder me defender do homem que corria na escuridão. Ele vinha como um trem na linha, em breve seríamos eu e ele lutando por desejos opostos. Eu queria evitar ser violada, e ele não tinha outra intenção senão a de fazê-lo. Na calçada lascada foi que parou. Suas mãos estenderam-se e pude ver o brilho da tela do celular revelar uma expressão tão assustada quanto a minha. Dois estranhos, o mundo nunca foi bom com nenhum dos dois. Calma moça, a mochila já desencanaixava dos meus ombros. Deixou cair a carteira há quatro quadras.

**Jaqueline Machado | IG @jaquemachadoescritora**

Rio-grandina, vive em Pelotas. Autora feminista, nasce e morre na poesia. Se funde com a escrita, um simbiote indivisível, sob pena de morte. Mentora de escrita, revisora, tradutora e editora na Huginn e Muninn.

**Zine Marítimas arte e literatura feita por mulheres**

**IG @zine.maritimas**

**Leia gratuitamente em: [www.zinemaritimas.blogspot.com](http://www.zinemaritimas.blogspot.com)**

## JURÍDICO

### ISENÇÃO DE IMPOSTO DE RENDA - SERVIDORES APOSENTADOS COM DOENÇA GRAVE

Os aposentados portadores de doença grave prevista em lei (ex. todos os tipos de câncer), possuem direito à isenção de imposto de renda no contracheque desde a data do primeiro diagnóstico da doença, sendo possível, inclusive, pleitear na justiça os últimos 05 anos de atrasados.

### ABONO PERMANÊNCIA NO 13º E NO 1/3 DE FÉRIAS PARA QUEM PREENCHEU TODOS OS REQUISITOS PARA SE APOSENTAR, MAS CONTINUOU TRABALHANDO

As Universidades não inserem a parcela do abono permanência na base de cálculo do 13º e do 1/3 de férias, fazendo com que haja diferenças em todos os anos, nos últimos 05 anos, para quem recebe em folha a rubrica do abono permanência.

### RESSARCIMENTO DE DESCONTOS INDEVIDOS

Recentemente o sindicato, através da sua assessoria jurídica, obteve vitória em duas ações coletivas, inicialmente propostas em 2006.

O Poder Judiciário reconheceu o direito dos servidores à devolução de contribuições previdenciárias indevidamente retidas sobre algumas vantagens, como terço de férias, adicionais de insalubridade, periculosidade e raio-x.

Não cabe mais recurso nestes processos, de modo com que agora o sindicato irá promover a cobrança individualizada para cada um destes beneficiários.

### ATRASO NA ENTREGA DA AUTOAVALIAÇÃO NÃO PODE IMPEDIR A PROGRESSÃO

A lei 11.091/05 estabelece dois requisitos para a progressão por mérito: a passagem de 18 meses desde a última progressão

e a aprovação em avaliação de desempenho.

A Universidade Federal do Rio Grande exige, também, a auto avaliação do (a) servidor (a).

Entretanto, nos casos em que há um atraso (após os 18 meses) na entrega deste documento por parte do (a) servidor (a), a FURG o impede de progredir, não permitindo a entrega da avaliação após o prazo e, com isso, acaba congelando o enquadramento na carreira por mais 18 (dezoito) meses.

Tal entendimento da Universidade está em desacordo com a legislação, ensejando ao (a) servidor (a) o direito de ingressar com ação judicial a fim de reparar tal ilegalidade, bem como buscar diferenças salariais em atraso.

Recente decisão judicial afirma que o Plano de Carreira não “define qualquer prazo para a sua entrega, tampouco prevê a perda do direito à progressão pela falta da autoavaliação”.

**Para todas essas ações e outras informações procure nos atendimentos feitos pela Assessoria Jurídica na sede da APTAFURG, nas segundas e quartas pela manhã. Os agendamentos podem ser feitos pelos telefones 53 98428-5716 e/ou 53 98428-5688.**



**SINDICATO NALUTA**

O Jornal Sindicato na Luta - veículo de comunicação da Associação do Pessoal Técnico-Administrativo da FURG (APTAFURG) - tem distribuição gratuita e dirigida.

#### EXPEDIENTE

##### ENDEREÇO

Rua Padre Nilo Gollo, 76,  
São Jorge, Rio Grande RS.  
Tel.: (53) 3230-2284/3230-5417  
Whatsapp: (53)98428-5716  
(53)98428-5688  
Email: [aptafurg@aptafurg.org.br](mailto:aptafurg@aptafurg.org.br)

#### COORDENAÇÃO GERAL

Berenice Costa Barcellos  
Everton Luis de Almeida Porciuncula  
Rafael Missiunas

#### COORDENAÇÃO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA

Carolina Pontes Leonetti  
Everton Luis de Almeida Porciuncula  
Jean Guilherme Florentino Corrales

#### JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Marcio Vieira Oliveira- Mtb. 9258  
Tel.: (53) 9945-8125  
[marcioliveira2000@yahoo.com.br](mailto:marcioliveira2000@yahoo.com.br)

#### DIAGRAMAÇÃO:

Editora Casaletras - contato@casaletras.com

**IMPRESSÃO:** Gráfica Uma

**TIRAGEM:** 1.000 exemplares

